

 /tempoargumento

 @tempoargumento

 @tempoargumento

## Dossiê: Rompendo fronteiras: da história comparada à história transnacional

### Organizadores



#### Maria Inácia Rezola

Doutora em História pela Universidade NOVA de Lisboa. investigadora do Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa. Professora na Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa. Lisboa – PORTUGAL  
ciencia.iscte-iul.pt/authors/maria-clemente/cv  
irezola@escs.ipl.pt



orcid.org/0000-0002-2102-0479



#### Leandro Pereira Gonçalves

Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq e Pesquisador FAPEMIG. Juiz de Fora, MG – BRASIL  
lattes.cnpq.br/7743686108979287  
leandro.goncalves@ufjf.br



orcid.org/0000-0002-9233-1098



<http://dx.doi.org/10.5965/2175180314352022e0100>

Dossiê: Rompendo fronteiras: da história comparada à história transnacional  
Organizadores: Maria Inácia Rezola e Leandro Pereira Gonçalves

O transnacionalismo tem despertado um crescente interesse nas Ciências Sociais e Humanas e, sobretudo a partir da década de 1990, também na História através da multiplicação de livros, artigos acadêmicos, conferências e cursos que versam sobre o tema. Apesar do conservadorismo que usualmente caracteriza a prática historiográfica, o conceito de transnacional circula de forma rápida e ampla influenciando determinantemente a atual investigação historiográfica.

Designado por alguns autores como a “viragem transnacional” (SAUNIER, 2008; WEINSTEIN, 2013) e observado como uma “revolução historiográfica” (IRIYE, 2013), o fenômeno parece ter sido impulsionado pela academia norte-americana, ainda que seja difícil determinar com precisão a sua origem. Dois marcos importantes neste domínio são sucessivamente evocados. O primeiro é o debate entre Ian Tyrrell e Michael McGerr, no âmbito de um fórum promovido em 1991 pela *American Historical Review*, sobre as possibilidades de uma aproximação à história norte-americana através do estudo de fenômenos que transcendia as fronteiras domésticas, tendo o primeiro enfatizado as “possibilidades de uma história transnacional” (TYRRELL, 1991).

Depois, a publicação do livro *Conceptualizing Global History*, coordenador por Bruce Mazlish e Ralph Buultjens (1993), tido como um dos primeiros estudos que explorou o gênero. Segundo Mazlish e Buultjens, o foco da nova história global seriam fenômenos transnacionais como a globalização econômica, questões ambientais, direitos humanos. A história transnacional resultaria, assim, da progressiva afirmação da história global sobre a história nacional, e constituiria, nesta perspectiva, uma subcategoria historiográfica ou uma nova abordagem para o estudo da história.

A ideia de que a História Transnacional mudou a maneira de compreender, ensinar e escrever a História reúne um amplo consenso. Da mesma forma, são muitos os historiadores que exaltam as suas vantagens nomeadamente no que diz respeito à recuperação da ideia de História como um processo ou, ainda, devido ao fato de colocar em evidência a fluidez das fronteiras e a ampla circulação de pessoas e ideias entre elas. Mais difícil, no entanto, é encontrar uma definição do conceito que seja largamente aceite e, sobretudo, clarificar os

Dossiê: Rompendo fronteiras: da história comparada à história transnacional  
*Organizadores: Maria Inácia Rezola e Leandro Pereira Gonçalves*

pontos de contacto e as diferenças entre o conceito de História Transnacional, História Internacional, História Cruzada e, sobretudo, História Comparada e História Global.

Ainda que, por vezes, a abordagem transnacional se associe ao método comparativo, tratam-se de realidades diferentes. Terá sido, aliás, o declínio do comparativismo, isto é, dos estudos que analisam e comparam dois ou mais casos geralmente definidos por nacionalidade, que ditou o sucesso do transnacionalismo (SEIGEL, 2005). S. Conrad (2002) insiste na ideia de que a História Comparada não consegue escapar da lógica das histórias nacionais, domínio em que a história transnacional apresentaria múltiplas vantagens. No entanto, Jürgen Osterhammel (2009) chama a nossa atenção para o fato de a História Comparada e a História Transnacional não serem realidades incompatíveis mas, pelo contrário, se complementarem.

A distinção entre história global e história transnacional foi inicialmente muito tênue e, ainda hoje, “continua a sê-lo” frequentemente (IRIYE, 2013, p. 11). Propondo uma definição de História Transnacional como “o estudo de movimentos e forças que transpõem as fronteiras nacionais” Iriye (2013) destaca duas características que esta abordagem partilha com a história global: (1) ambas olham para além das fronteiras nacionais e procuram explorar interconexões através das fronteiras; (2) ambas se preocupam com questões e fenômenos que são relevantes para toda a humanidade, e não apenas para um pequeno número de países ou para uma região do mundo. No entanto, o conceito de globalização supõe um declínio da nação, enquanto os estudos transnacionais geralmente reconhecem a persistência da nação como uma esfera fundamental de análise de processos, redes e fenômenos “de todo o tipo que atravessam as fronteiras da nação sem implicar a sua homogeneização” (WEINSTEIN, 2013, p. 23). O transnacionalismo possibilita ainda superar a mera identificação de particularidades ou especificidades num contexto nacional, alargando assim a perspectiva de análise.

O termo História Transnacional foi, em um primeiro momento, popularizado por historiadores norte-americanos como David Thelen, Daneil

Dossiê: Rompendo fronteiras: da história comparada à história transnacional  
Organizadores: Maria Inácia Rezola e Leandro Pereira Gonçalves

Rodgers ou Thomas Bender que, identificando o “excepcionalismo americano” com um dos principais entraves ao aprofundamento da história norte-americana, postularam a necessidade de descentrar o estado-nação como o locus primordial do interesse dos historiadores (SAUNIER, 2008, p. 6). Esta perspectiva de análise rapidamente conquistou muitos adeptos e ganhou novos contornos.

De acordo com a definição de D. Thelen (1999) ou T. Bender (2006), o transnacionalismo diz respeito ao movimento de pessoais, ideias, tecnologias e instituições através das fronteiras nacionais. M. Seigel, por seu lado, destaca o fato de a História Transnacional examinar “unidades que se espalham e infiltram nas fronteiras nacionais, unidades simultaneamente maiores e menores que o estado-nação” (SIEGEL, 2005, p.63). Partilhando desta visão, Isabel Hofmeyr (2006) explica que “a principal reivindicação de qualquer abordagem transnacional é a sua preocupação central com movimentos, fluxos e circulação, não apenas como um tema ou motivo, mas como um conjunto analítico de métodos que define o próprio esforço”. Ou seja, observa o mesmo autor socorrendo-se de uma expressão cunhada por Appadurai, “uma preocupação com o transnacionalismo direcionaria a atenção para o ‘espaço dos fluxos’” (BAYLY *et al.*, 2006, p. 1444). Em suma, conclui S. Purdy (2012, p. 67), “História transnacional, pela própria etimologia da palavra, sugere conexões e interações, não simplesmente comparações”.

Apesar do consenso sobre o foco no estudo de conexões e interações, o fato de o conceito de História Transnacional ser passível de diferentes definições, metodologias e escalas, faz com que muitos historiadores usem o termo “transnacional” com pouca precisão. Como observa Matthew Connelly (2006) este é um domínio “subdesenvolvido”, apesar do crescente interesse e amplo investimento na História Transnacional e de, em seu entender, se ter tornado uma marca e um termo invocado mesmo por muitos que praticam uma história convencional (BAYLY *et al.*, 2006, p. 1447). Ainda assim, é possível afirmar que a História Transnacional tem muitos futuros e vários caminhos se abrem ao seu desenvolvimento.

Dossiê: Rompendo fronteiras: da história comparada à história transnacional  
Organizadores: Maria Inácia Rezola e Leandro Pereira Gonçalves

O dossiê *Rompendo fronteiras: da história comparada à história transnacional*<sup>1</sup> propõe-se contribuir para o desenvolvimento do debate historiográfico, colocando em diálogo diferentes trabalhos que integram a perspectiva transnacional. É nosso objetivo apresentar distintas maneiras de fazer história transnacional, abrindo novas perspectivas teórico-metodológicas mas também detectado problemas e limites desta abordagem. O desafio reveste-se de particular interesse para os historiadores da América Latina e para os que estudam o espaço lusófono, num sentido mais amplo. Em nosso entender, os casos concretos apresentados permitirão reflectir sobre a própria História Transnacional e analisar as possibilidades que a perspectiva oferece.

O presente dossiê integra onze artigos que se caracterizam sobretudo pela sua diversidade não apenas em termos temáticos, cronológicos e geográficos como também metodológicos.

Partindo de uma perspectiva teórica, **Jaime Gouveia** (Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra) e **Levi Silva Lemos** (Universidade Federal do Amazonas), apresentam uma ampla discussão sobre a história global com base no pensamento rizomático amparado na filosofia de Deleuze e Guattari, destacando a mobilidade e os múltiplos níveis de conexão amparados nas propostas metodológicas.

No âmbito da história das fronteiras em um debate sobre o local e o global, os investigadores, **Pedro Albuquerque** (Universidad de Sevilla) e **Francisco José García Fernández** (Universidad de Sevilla), desenvolvem uma reflexão a partir do Guadiana, estabelecendo uma análise sobre a importância de um rio para a comunicação entre comunidades que ocuparam as suas margens, principalmente entre o Mediterrâneo, o Atlântico e o interior. Os autores lançam algumas luzes sobre o modo como os lugares e as populações ligadas à fronteira luso-espanhola fazem parte de contextos históricos mais amplos e, de algum modo, contribuíram para a manutenção e perpetuação desses sistemas.

---

<sup>1</sup> Apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

Dossiê: Rompendo fronteiras: da história comparada à história transnacional  
*Organizadores: Maria Inácia Rezola e Leandro Pereira Gonçalves*

**Isabel Corrêa da Silva** (Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa), apresenta uma análise a partir da figura que o brasileiro ocupa na literatura portuguesa, ficcional e não ficcional. A autora expõe que o brasileiro não era visto como um mero emigrante, mas como um personagem que continuava a fazer a mediação entre dois mundos a partir de uma categoria transnacional.

Desde uma circulação internacional na promoção da educação em saúde, o Museu Alemão de Higiene de Dresden estabeleceu uma rede de intercâmbios globais que mobilizou museus e instituições científicas da América Latina. **Pedro Felipe Muñoz** (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro) e **Stefan Rinke** (Freie Universität Berlin) fazem um levantamento sobre o ativo papel desempenhado nas relações culturais transatlânticas e no intercâmbio germano-latino-americana, como "um instituto de propaganda cultural" entre 1919 e 1930, associando aos esforços internacionais de promoção da saúde pública.

Com embasamento teórico na História Cultural das Religiões, **Carlos André Silva de Moura** (Universidade de Pernambuco), examina como os eventos marianos foram importantes para os projetos transnacionais de eclesiásticos e intelectuais entre 1917 e 1950. O autor apresenta a tese de que parte da hierarquia eclesiástica colaborou com a formação de uma rede visionária para a reafirmação das ideias religiosas a partir de um uso político dos eventos em Portugal, principalmente na construção dos eventos em Fátima.

**Paulo Cesar Gomes** (Universidade Federal Fluminense) e **Carlos Benítez Trinidad** (Universidade de Santiago de Compostela), apresentam um artigo cujo propósito central está na análise da questão indígena brasileira durante a ditadura civil-militar numa perspectiva transnacional. Os autores buscam, a partir da opinião pública e de documentos divulgados internacionalmente, encontrar os caminhos da comunicação entre o que ocorria no Brasil na visão pública global no âmbito da causa indígena.

Uma vez que a perspectiva de análise da história global proporciona uma reflexão sobre as conexões entre pessoas, projetos, grupos políticos e ideias, **Eloisa Rosalen** (Universidade Federal de Santa Catarina) apresenta-nos um olhar

Dossiê: Rompendo fronteiras: da história comparada à história transnacional  
Organizadores: Maria Inácia Rezola e Leandro Pereira Gonçalves

sobre as solidariedades transnacionais das e às mulheres brasileiras exiladas na França e em Portugal durante a ditadura civil-militar brasileira. O artigo, que tem como mote o slogan em voga à época *sisterhood is global*, socorre-se de abundantes fontes arquivísticas e hemerográficas, assim como de entrevistas a protagonistas.

O anticolonialismo deu também origem a movimentos globais de enorme impacto, nomeadamente em termos geopolíticos. **Marçal de Menezes Paredes** (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul), chama a atenção para a importância do pouco conhecido *Toronto Committee for the Liberation of Portugal's African Colonies* (TCLPAC), destacando a trajetória de um de seus principais fundadores e os impactos internos (Canadá) e externos (nomeadamente nas duas maiores colônias portuguesas, Angola e Moçambique) da acção do Comité.

**Lisandro Cañon** (Universidad de Oviedo), especialista em história da América do Sul e Caribe, debruça-se sobre uma comunidade discursiva transnacional – a Confederação Interamericana da Defesa Continental (IACCD – Inter-American Confederation of Continental Defence) que constituiu um ponto de encontro institucional para os intelectuais anticomunistas latino-americanos que, durante a Guerra Fria, articularam um núcleo de poder conservador e contra-revolucionário. De acordo com o autor, “as doutrinas anticomunistas já existiam antes da IACCD, mas elas não tinham repercussões no continente”. O IACCD deu-lhes forma, substância, e permitiu a sua ampla disseminação.

Um dos efeitos do fenómeno historiográfico chamado de “viés transnacional” é uma abordagem complexa das relações entre centro e periferia. **Carolina Amaral de Aguiar** (Universidade Estadual Londrina) analisa o papel dos festivais de cinema europeus na articulação de uma rede de solidariedade às vítimas da ditadura chilena nos primeiros anos após o golpe de Estado de 1973. Tendo como estudo de caso a Mostra Internacional do Novo Cinema de Pesaro, o Festival de Cannes e o Festival Internacional de Documentário de Leipzig, a autora demonstra como estes encontros apresentam diferentes graus de centralidade no circuito dos festivais e se localizam em países/blocos de

Dossiê: Rompendo fronteiras: da história comparada à história transnacional  
 Organizadores: Maria Inácia Rezola e Leandro Pereira Gonçalves

influência diferentes, o que permite entender os complexos fluxos que se estabeleceram nas redes solidárias

Finalmente, tendo como foco as ditaduras ibéricas, **Angeles González-Fernández** (Universidad de Sevilla) examina a recepção e repercussões políticas das teorias sobre crescimento e desenvolvimento. Segundo a autora, que tem publicado abundantemente sobre o tema, a implementação desses projetos, sob a liderança de Marcelo Caetano e de Laureano López Rodó, foi abordada através da configuração de redes de amigos e colaboradores, dando lugar a planos de reforma de raízes tecnocráticas que ambicionavam fornecer novas fontes de legitimidade aos regimes autoritários, a fim de garantir a preservação dos seus princípios substantivos.

## Referências

BAYLY, C.A., BECKERT, Sven, CONNELLY, Matthew, *et al.* AHR Conversation: On Transnational History. **American Historical Review**, v. 111, n. 5, p. 1441-1464, 2006. doi: <https://doi.org/10.1086/ahr.111.5.1441>

BENDER, Thomas. **A Nation among Nations. America's Place in World History**. New York: Macmillan, 2006.

CONRAD, Sebastian. Doppelte Marginalisierung: Plädoyer für eine transnationale Perspektive auf die deutsche Geschichte. **Geschichte und Gesellschaft** 28, p. 145-169, 2002.

HAUPT, Heinz-Gerhard. O lento surgimento de uma história comparada. In: BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique. (orgs.). **Passados Recompuestos: campos e canteiros da história**. Rio de Janeiro: UFRJ; FGV, 1998.

IRIYE, Akira. **Global and Transnational History: The Past, Present, and Future**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2013. doi: <https://doi.org/10.1057/9781137299833>

MAZLISH, Bruce, BUULTJENS, Ralph. **Conceptualizing Global History**. Boulder, Colo: Westview Press, 1993.

NAGEL, Caroline. Nations unbound? Migration, culture, and the limits of the transnationalism-diaspora narrative. **Political Geography**, n. 20, p. 247-256, 2001. doi: [https://doi.org/10.1016/S0962-6298\(00\)00058-5](https://doi.org/10.1016/S0962-6298(00)00058-5)

OSTERHAMMEL, Jürgen; PETERSSON, Niels P. **Globalization a short history**. Princeton, N.J.; Woodstock: Princeton University Press, 2009.

Dossiê: Rompendo fronteiras: da história comparada à história transnacional  
 Organizadores: Maria Inácia Rezola e Leandro Pereira Gonçalves

PURDY, Sean. A história comparada e o desafio da transnacionalidade. **Revista de História Comparada**, v. 6, n. 1, p. 64-68, 2012.

SAUNIER, Pierre-Yves. Learning by Doing: Notes about the Making of the Palgrave Dictionary of Transnational History. **Journal of Modern European History**, v. 6, n. 2, p. 159-180, set. 2008. [https://doi.org/10.17104/1611-8944\\_2008\\_2\\_159](https://doi.org/10.17104/1611-8944_2008_2_159)

SCHILLER, Nina Glick *et al.* Transnationalism: A New Analytic Framework for Understanding Migration. **Annals of the New York Academy of Sciences**, n. 645 p. 1-24, 1992. doi: <https://doi.org/10.1111/j.1749-6632.1992.tb33484.x>

SEIGEL, Micol. Beyond Compare: Comparative Method after the Transnational Turn. **Radical History Review**, n. 91, p. 62-90, 2005. doi: <https://doi.org/10.1215/01636545-2005-91-62>

SKLAIR, Leslie. Transnational Practices and the Analysis of the Global System. **ESRC Transnational Communities Programme Working Paper**, 4, 1998.

THELEN, David. The Nation and Beyond: Transnational Perspectives on United States History. **The Journal of American History**, v. 86, n. 3 p. 965-975, 1999. doi: <https://doi.org/10.2307/2568601>

TYRRELL, Ian. American Exceptionalism in an Age of International History. **The American Historical Review**, v. 96, n. 4, p. 1031-1072, 1991. doi: <https://doi.org/10.2307/2164993>

VERTOVEC, Steven. Conceiving and researching transnationalism. **Ethnic and Racial Studies**, 22(2), 447-462, 1999. doi: <https://doi.org/10.1080/014198799329558>

WEINSTEIN, Barbara. Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, n.14, p. 9-36, 2013.